

SOUZA, Camila Paula de; DIAS, Liz Cristiane; DUARTE, Tiaraju Salini. Diálogo entre a rua e a escola: o Rap como instrumento da cartografia. In: ENCONTRO DE PRÁTICAS DE ENSINO DE GEOGRAFIA DA REGIÃO SUL, 2., 2014, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: UFSC, 2014. Disponível em: <http://anaisenpegsul.paginas.ufsc.br>>.

DIÁLOGO ENTRE A RUA E A ESCOLA: O RAP COMO INSTRUMENTO NA CARTOGRAFIA

Camila Paula de Souza¹
Graduanda de licenciatura
Geografia pela Universidade Federal de Pelotas/UFPel
Bolsista do Programa de Iniciação a Docência da CAPES.
camiladageo@gmail.com

Liz Cristiane Dias²
Professora adjunto
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de Geografia da Universidade Federal de Pelotas/UFPel.
liz.dias@yahoo.com.br

Tiaraju Salini Duarte³
Professor substituto
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de Geografia da Universidade Federal de Pelotas/UFPel
tiaraju.salini@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO:

O presente trabalho consiste numa proposta metodológica que visa contemplar os alunos a partir da linguagem do *rap*, e a instrumentalização teórica que se relaciona com a Geografia, mais especificamente com a Cartografia. A atual proposta foi resultante da análise da prática Desporto Orientação aplicada ao 6º ano da Escola Estadual Padre Anchieta/RS - Pelotas, que consistia na alfabetização cartográfica realizada por bolsistas do Pibid. Nessa escola o público majoritário são alunos de classe média baixa e moradores das redondezas, anexada a escola fica o Instituto de Menores, o qual a escola também atende.

De forma posterior a prática realizada, foi possível notar que a sensação de pertencimento dos alunos em relação ao bairro de origem, muitas vezes se dá a partir da musicalidade. Isto é, em especial o *rap* e as letras de suas músicas, que são escutadas e cantadas pelos alunos. As canções, em sua maioria, relacionam e citam fatores de localização. As crianças, por conseguinte, passam a entender onde está a Zona Leste

(região que se localiza a escola) a partir das letras de *rap*, além de saberem as características daquela região, bem como de outras regiões do município através das letras de *rappers* de diferentes localidades.

Partindo da elaboração de uma metodologia que contemplasse uma aplicabilidade crítico-social dos conteúdos, onde a mesma trata-se de se apropriar dos instrumentos teóricos e prático ao equacionamento dos problemas detectados na prática social (SAVIANI, Dermeval) foi possível associar a didática em sala de aula com o contexto social do aluno, e a aparente emergência da problematização das letras de *rap* como forma de contemplar o mesmo.

O *rap* é de origem afro-hispânica e surge na Jamaica da década de 1960, com a ida dos jamaicanos na década de 1970 para os Estados Unidos as letras musicais acabaram sendo aperfeiçoadas principalmente nos subúrbio de Nova Iorque. Com a conquista sólida da presença do *rap* no EUA, é atribuído o termo *hip-hop* pelo DJ Afrika Bambaataa. O *rap* compoendo a cultura do *hip hop*, movimento esse de origem periférica, torna-se letras musicais carregadas de revolução ao retratarem o cotidiano marginalizados pelas populações periféricas. Por ter essa origem histórica o rap contempla a Lei 10.639 por trabalhar uma das temáticas de origem africana em sala de aula.

“Na década de 1980, alguns pesquisadores denunciaram os rituais pedagógicos de silenciamento do/a aluno/a negro/a e dos conflitos raciais na escola. Embora esses pressupostos continuem válidos, pode-se verificar, na escola pública no final dos anos 90, uma hostilidade racial explícita em resposta ao discurso e à atitude crítica dos/as jovens rappers.” (SILVA, Maria Aparecida da. Projeto Rappers: Uma iniciativa pioneira e vitoriosa de interlocução entre uma Organização de Mulheres Negras e a Juventude no Brasil, 1999.)

Portanto, é possível constatar que ao se propor um Cartografia que se associe com as letras de rap estaria essa ação contemplando a lei 10.639 na área da Geografia, e por conseguinte trazendo a música do cotidiano dos alunos para a sala de aula.

O movimento Hip-Hop exprime-se por meio da arte e apropria-se das ruas como palco para o fazer artístico, mas em termos organizacionais o movimento encontra-se imerso na localidade. É nesse plano mais particular, o bairro, que os jovens se estruturam mediante as festas de rua, as crews ou as posses. As posses constituíram-se como espaço próprio pelo qual os jovens passaram não apenas a produzir arte, mas a apoiar-se mutuamente. Diante da desagregação de instituições tradicionais, como a família, e a falência

dos programas sociais de apoio, as posses se consolidaram no contexto do movimento hip hop como uma espécie de “família forjada” pela qual os jovens passaram a discutir os seus próprios problemas e a promover alternativas no plano da arte. (...) As festas de rua transformaram-se em momentos de lazer e reflexão nos quais a dança, o grafite e o rap tornaram-se expressões de uma nova consciência política. Portanto, desde as origens o sentido da arte no âmbito do movimento Hip-Hop associa-se ao vivido”.(GOMES DA SILVA, 1999, p.26).

Portanto, dentro do universo da Cartografia é possível notar a semelhança com as letras de *rap* ao problematizar a linguagem cartográfica e, principalmente na associação e contextualização dos alunos ao notarem a Geografia no *rap*, e conseqüentemente a presença da Geografia em seu cotidiano.

Na letra de música do *rapper* paulistano Sabotage, intitulada “Um Bom Lugar” é possível associar o conceito de Lugar da Geografia com as várias designações que o *rapper* nos sugere, visto no seguinte trecho da música: **“Um bom lugar/ Se constrói com humildade, é bom lembrar/ Aqui é o mano Sabotage/ Vou seguir sem pilantragem, vou honrar, provar/ No Brooklyn, tô sempre ali”**.

Outro exemplo é na música do grupo Racionais MC’s, intitulada “Periferia é Periferia” onde pode-se associar a Cartografia com a problemática social que acomete as periferias: **“Aqui a visão já não é tão bela/ Não existe outro lugar/ Periferia é periferia em qualquer lugar”**.

Na Geografia Crítica o conceito de lugar está associado a outros conceitos os de: espaço geográfico e território, o geógrafo crítico Milton Santos nos confere o conceito de lugar ao longo do tempo, em seu livro *A natureza do espaço* o autor menciona sobre a “força do lugar” e teoriza que o espaço é produzido e que são decorrentes das mudanças cotidianas das pessoas e dos processos sociais, econômicos e políticos ambos analisados na perspectiva da globalização. No intuito de legitimar essa lógica, o autor nos propõe que *“A cada lugar geográfico concreto corresponde, em cada momento, um conjunto de técnicas e de instrumentos de trabalho, resultado de uma combinação específica que também é historicamente determinada”*. (SANTOS, 1996).

Tendo em vista essa análise do conceito de *lugar* que Milton Santos explana e a letra do *rapper* Sabotage é possível propor aos alunos uma metodologia que associe essas duas formas de analisar um mesmo conceito no intuito de contemplar uma

Cartografia Social, que leve em consideração a interpretação das mudanças sociais a fim de decodificar em simbologias para a produção cartográfica.

“Os elementos fixos, fixados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar, fluxos novos ou renovados que recriam as condições ambientais e as condições sociais, e redefinem cada lugar. Os fluxos são um resultado direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos, modificando a sua significação e o seu valor, ao mesmo tempo em que, também, se modificam”. (SANTOS, 1996.).

Tendo em vista uma autonomia dos alunos pela Cartografia Social onde os mesmos poderão se utilizar de conceitos de cartografia, juntamente com as letras de rap é possível constatar que essa proposta contempla os Parâmetros Curriculares Nacionais englobando todos os temas transversais, pois nas letras de *rap* além do retrato do cotidiano é reverenciado algumas temáticas como o racismo, o trabalho, os direitos humanos, entre outros. Nesse sentido, os temas transversais como por exemplo ética e pluralidade cultural são evidentes na elaboração dessa proposta.

OBJETIVOS:

O presente trabalho busca alcançar uma autonomia crítica nos alunos no compromisso da percepção do lugar na qual estão inseridos e sua dinâmica sócio-espacial.

No propósito de uma autonomia dos alunos, pertencimento ao lugar e a leitura crítica sobre o espaço é contemplado pela autora: “Ao assumir a matriz teórica tratada no campo da educação e da ciência linguística, consideramos que, em Geografia, a leitura da paisagem e dos mapas não é apenas uma técnica, mas é utilizada com o objetivo de dar ao aluno condições de ler e escrever o fenômeno observado. Ao se apropriar do tratado da leitura, ele compreende a realidade vivida, consegue interpretar os conceitos que estão implícitos nele”. (CASTELLAR, 2010).

“As músicas, os discursos e todo o imaginário do período passa a ser estruturado pela valorização das lutas políticas e pelos símbolos de origem afro-americana e afro-brasileira. A partir dessas referências a produção musical torna-se o meio pelo qual “autoconhecimento” juvenil será

expresso. Autoconhecimento torna-se, portanto, uma palavra-chave para os integrantes do movimento hip hop.”
(GOMES DA SILVA, José Carlos).

O ‘autoconhecimento’ dos alunos está diretamente associado o pertencimento da localidade, suas características e suas diferenciações portanto, fica evidente que ao trabalhar as letras de *rap* com a Cartografia além de conhecimentos teóricos está fortalecendo a identidade do aluno para com o lugar e para com sua história.

Com essa proposta busca-se também sanar com a defasagem na qualidade de ensino, ou seja, que aumente os níveis de algumas habilidades dos alunos como a interpretação, a leitura crítica, a lógica, entre outros.

“(…) evidenciando o impacto negativo dessa educação deficitária, tanto para o desenvolvimento de sujeitos cognoscentes, quanto para a formação de cidadãos ativos e participativos que, em razão de sua precária qualificação educacional, têm não somente minoradas suas chances de competir em igualdade de condições por melhores vagas no mercado de trabalho – não podemos esquecer que o direito ao trabalho também foi reconhecido pela Constituição de 1988 -, mas dificultadas suas chances de exercer mais ativamente sua cidadania, posto que o seu exercício, como assinalamos anteriormente, requer a formação de sujeitos cognoscentes, autônomos, críticos e reflexivos, conscientes de seus direitos e deveres de cidadãos e, sobretudo, requer formas de mobilização e luta sociais pela realização dos direitos já garantidos por lei. (MANCEBO, Samara).

Nesse sentido, garantindo aos alunos uma atividade que exige reflexão possibilitaria uma autonomia na compreensão das relações de trabalho, no mercado de trabalho e nos seus direitos enquanto cidadãos.

“A produção, o produto, o trabalho, conceitos que emergem simultaneamente e permitem fundar a economia política, constituem abstrações privilegiadas, abstrações concretas: elas permitem analisar as relações de produção”. (LEFEBVRE, Henri)

Dentro da linguagem do rap em muitos casos é dotada de gírias e em algumas situações isso poderia causar uma certa repulsão por parte dos professores em trabalhar uma atividade como essa proposta. Porém, partindo da compreensão que trata-se de linguagens diferenciadas, e que uma é fruto da problematização da violência das ruas e a outra é um padrão de formalidade, não devem ser encaradas de formas isoladas e sim como formas diferenciadas de se comunicar.

Dessa forma, pretende-se desmistificar esse distanciamento da rua com a escola e fazer assim com que a escola seja um espaço em que os alunos possam expressar suas ideias e que não sejam reprimidas com a justificativa de ser uma linguagem “marginalizada”.

Os alunos poderão compreender uma linguagem considerada formal após perceberem a que a linguagem que ele se utiliza relaciona com a mesma, e assim,

METODOLOGIA:

Posterior ao projeto de iniciação cartográfica juntamente com a prática Desporto Orientação para os 4º e 5º anos, realizado pelo PIBID da Geografia (Programa de Iniciação a docência), foi possível analisar o quão a linguagem interfere na execução das atividades. Os alunos na maior parte do tempo em sala de aula estão falando sobre música, e em alguns casos específicos estão *rimando* letras de rap durante a aula.

A seguir imagens de algumas atividades realizadas durante o projeto do Desporto Orientação que podem ser trabalhadas conjuntamente com a música, mas especificamente o rap:

Atividade sobre lateralidade

A atividade consistia em compreender os hemisférios, trópicos, linhas latitudinais e longitudinais para a instrumentalização foi utilizada um barbante envolvido no corpo e o globo para a percepção visual.



(créditos da foto: Josiane Silveira)

Atividade de Orientação

Atividade consistia na localização de alguns países e seus continentes, para assim atingir uma noção de totalidade sobre o mapa mundo.



(Créditos da foto: Josiane Silveira)

Atividade do Mapa Corporal

A atividade consistia na compreensão da espacialidade e a relação com o nosso corpo no espaço.



(Créditos da foto: Caio Ferreira)

Dentro desse universo de criação de *rimas* que os próprios alunos se mostravam ter grande empenho pode-se cogitar uma metodologia diferenciada que se caracterizasse por decodificar a linguagem do *rap* como instrumento para a produção cartográfica, ou seja, transpor o que os *rappers* de várias localidades *rimavam* numa atividade que contemplasse a Cartografia.

Os conteúdos das letras de *rap* retratam o cotidiano e a localidade que é segmentada pela zona que o *rapper* se encontra, legitimado por exemplo na letra de música intitulada 'Na Zona Sul' do Sabotage que descreve sobre o seu cotidiano violento que fica localizado na zona sul de São Paulo.

“Em função do atual momento vivido pela educação, cabe às autoridades educacionais entender as práticas discursivas e expressões artísticas dos jovens da periferia que hoje se encontram majoritariamente nas escolas públicas. Ou essa aproximação se processa e a relação dialógica se consolida, ou os muros escolares permanecerão como os principais divisores entre a escola e a rua.”
(GOMES DA SILVA, José Carlos)

Portanto, é perceptível que existe uma grande relação do *rap* com a Cartografia que difere somente pela linguagem que cada um se utiliza. Dentro dessa análise que se propõe atividades que vão associar os dois meios de instrumentalização, e como o *rap* e a Cartografia podem ser aliados no processo de aprendizagem dos alunos.

Partindo do pressuposto que “o mapa territorializa os registros dos documentos” (CASTELLAR, 2010, P28), seriam propostas atividades em sala de aula que relacionassem os mapas com as letras de *rap* que retratam as características de alguns locais, e com isso fazer o aluno perceba onde se localiza e onde estão os outros bairros no mapa.

A Cartografia nessas atividades é designada como Cartografia Social por estar a serviço de uma estratégia para a autonomia dos alunos, os mapas seriam confeccionados pelos alunos e não por pessoas que não conheçam a realidade dos mesmos. Portanto, os mapas seriam um recurso dialógico entre a música e a realidade dos bairros, afim de fomentar uma autonomia crítica nos alunos, para que os mesmos compreendam a dinâmica urbana na qual estão inseridos e estão sujeitos às transgressões de ordem política.

Essa proposta de atividade de confecção de mapas a partir da realidade local e das letras musicais de rap tornaria os alunos como protagonistas de uma leitura cartográfica e seria uma tentativa de mapeamento colaborativo pois ainda existem áreas consideradas como “vazios cartográficos” (‘Todo Mapa Tem um Discurso’. Direção: Francine Albernaz e Thaís Inácio. Realização: Programa Rede Jovem. Produção Cabaré Records, 2013.), ou seja, áreas que não foram mapeadas devido ao seu pouco interesse político, e como exemplo disso temos algumas favelas no Rio de Janeiro que não aparecem no mapa local devido ao descaso com essa região. E o fato dos moradores não estarem no mapa possui uma subjetividade de grande relevância visto na exclusão social e os interesses econômicos.

Logo, a proposta metodológica busca que os alunos tenham noções cartográficas como lateralidade associado com uma leitura crítica da espacialidade e a produção do espaço (LEFEBVRE, Henri) na qual está inserido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A utilização de músicas como um recurso didático é de fato algo que tem o objetivo no aperfeiçoamento das aulas em sala de aula. A linguagem própria que o *rap* se utiliza também está em como os alunos se comunicam, e inicialmente trazer o conteúdo de Cartografia pode ser algo de difícil compreensão para alunos que se comunicam com uma linguagem diferenciada.

E nesse sentido a linguagem cartográfica é decodificada no intuito que os alunos a compreendam e percebam o quanto a Cartografia é importante no dia a dia dos alunos e pode ser um instrumento para a localização, identidade de pertencimento e origem.

Dessa forma, é visto que essa proposta onde se elabore atividades relacionadas com a Cartografia e o *rap* contempla os Parâmetros Curriculares Nacionais englobando todos os temas transversais pois nas letras de *rap* além do retrato do cotidiano é reverenciado algumas temáticas como o racismo, o trabalho, os direitos humanos, entre outros. Nesse sentido os temas transversais como por exemplo ética e pluralidade cultural são evidentes na elaboração dessa proposta.

É necessário considerar outros modos de comunicação, como a linguagem do corpo e a linguagem das artes em geral, permitindo transversalizar, em particular, com Educação Física e Arte. A música, a dança, as artes em geral, vinculadas aos diferentes grupos étnicos e a composições regionais típicas, são manifestações culturais que a criança e o adolescente poderão conhecer e vivenciar. Dessa forma enriquecerão seu conhecimento sobre a diversidade presente no Brasil, enquanto desenvolvem seu próprio potencial expressivo. (Parâmetros Curriculares Nacionais. Temais Transversais. Pluralidade Cultural)

O uso das letras de *rap* seriam uma forma de decodificar para a linguagem cartográfica, no intuito dos alunos posteriormente compreenderem os diversos conceitos que a Cartografia se utiliza. Á vista disso, é notório que a discussão dessa proposta

metodológica é da elaboração de meios que contemplem a realidade do aluno em sala de aula, que no caso é o rap.

“Partindo do exame de algumas letras de rap e da observação empírica da identificação de muitos jovens e adolescentes, com os quais trabalhamos, acreditamos que o rap como um universo musical possa ser pensado como um espaço político-pedagógico. Ele propicia a ampliação dos instrumentos disponíveis para se trabalhar alguns dos objetivos disciplinares (...)” (JOVINO, Ione da Silva. “Rapensando” os PCN’s, 1999.)

Dentro da lógica econômica capitalista vemos cada vez a instrumentalização do desejo através do consumismo e a padronização de aspectos culturais hegemônicos, temos como exemplo dessa problemática os vários costumes indígenas que permanecem em nossa cultura mas que não são reverenciados como uma ancestralidade indígena, e esse fato é algo proposital ao longo da história.

Posterior a revolução técnico-científica (SANTOS, Milton) a globalização trouxe à tona a tecnologia como algo a ser conquistado por muitas nações porém trouxe também a marginalização de países de 3º mundo e suas mazelas.

O rap perante essa estrutura sócio política mundial é uma forma de resistência cultural às mazelas resultantes de uma marginalização territorial impulsionada desde o imperialismo na América do Sul e a atual globalização inerente em nosso continente.

“Quando não se tem emprego e/ou renda para fazê-lo, esse é o lado mais perverso, sobretudo quando se olha a situação dos jovens, a contra-violência simbólica torna-se, com frequência, mortal. Aqui reside a importância do movimento de jovens negros e pobres do hip hop que transforma a violência em poesia, reflexão. Vemo-nos, pois, diante de contradições socioambientais instigadas subjetivamente por toda mídia que, entretanto, dá sentido às relações sociais e de poder de uma sociedade produtivista-consumista que se ancora nesse individualismo narcísico”. (PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter).

Portanto, o que se aspira dessa relação entre professor e aluno e a proposta metodológica em questão, é atingir a autonomia do aluno e romper com os limites “fronteiriços” da escola e da rua, e fazer assim com que a escola seja de fato um centro de referência para o aluno, no processo de aprendizagem.

E que a rua seja levada para dentro da escola para assim, ocorrer uma integração desses dois espaços que mesmo estando separados possuem muitos aspectos incomum.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Elaine N. de. Rap e educação, rap é educação / Elaine N. de Andrade (org.). – São Paulo : Summus, 1999.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais.

BRASIL. Confederação Brasileira de Orientação. **O que é Orientação**. Santa Maria.

Disponível em: <http://www.cbo.org.br/site/orientacao/>. Acesso em 02/08/2013.

BRASIL, LEI nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 9 de janeiro de 2003.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; COSTELLA, Roseane. Brincar cartografar com diferentes mundos geográficos: A alfabetização espacial. Porto Alegre EDIPUCRS, 200. (126P).

ENCONTRO COM MILTON SANTOS OU O MUNDO GLOBAL VISTO DO LADO DE CÁ. Direção: Silvio Tendler, 1995.

GOMES DA SILVA, José Carlos. Arte e educação: a experiência do hip-hop paulistano. In: ANDRADE, Elaine (org). Rap e educação, rap é educação. São Paulo: Summus/Selo Negro, 1999.

LEFEBVRE, Henri. A produção do espaço. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions.

MANCEBO, Samara. Um retrato em 3x4 da educação pública no Brasil: avanços e retrocessos. In: PAIVA, Angela Randolpho & BURGOS, Marcelo Baumann (Orgs.). A Escola e a Favela. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Ed. Pallas, 2009. p. 175 – 199.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter, 1949- A globalização da natureza e a natureza da globalização / Carlos Walter Porto-Gonçalves. – 3º ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

SAVIANI, Dermeval. Escola e Democracia. 8a. ed. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1985.

SERRANO, Carlos. Memória D'África: a temática africana em sala de aula/ Carlos Serrano, Mauricio Waldman. - 3. ed. - São Paulo : Cortez, 2010.

TUDO MAPA TEM UM DISCURSO. Trailer. Direção: Francine Albernaz e Thaís Inácio. Realização: Programa Rede Jovem. Produção CabaréRecords, 2013.),